

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO NO SISTEMA CAPITALISTA

Mariana Montagnini Cardozo
UEL – Universidade Estadual de Londrina

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a natureza e a especificidade da educação, possibilitando compreender o papel da organização curricular na construção de um trabalho pedagógico que vise transmitir aos alunos os conhecimentos produzidos historicamente possibilitando aos mesmos a compreensão do contexto social e produtivo no qual se inserem, assim como suas possibilidades de transformação. Partindo da concepção do homem como resultado das relações sociais de produção, e da análise de como as forças produtivas se desenvolveram até a efetivação da divisão do trabalho material e intelectual, propomos-nos analisar as possibilidades de formação de um sujeito onilateral, que compreenda e transforme o sistema atual. A análise se pautará na compreensão de que a finalidade do trabalho pedagógico dentro do sistema capitalista é o disciplinamento para a vida social e produtiva. Para tanto apresentamos as condições em que se encontra a educação atual, pautada explicitamente em princípios liberais de formação, assim como demonstraremos os discursos que são apresentados em defesa dessa educação. Contrapondo essa educação que legitima o sistema capitalista, no presente artigo discute-se também as possibilidades de atuação do pedagogo dentro do ambiente escolar, promovendo e selecionando juntamente com os professores os conteúdos essenciais para essa educação crítica, assim como organizando as formas de transmissão-assimilação desse conhecimento pelos alunos. Entretanto é necessário afirmar que, não há como superar a unilateralidade do homem se não for superada a propriedade privada dos meios de produção e a divisão do trabalho como se configura atualmente. Contudo, mesmo tendo consciência do lugar social da educação, de suas possibilidades de intervenção no sistema atual e de sua interdependência, não se pode desconsiderar as possibilidades de atuação de uma pedagogia crítica que proporcione uma práxis educativa que forme homens capazes de compreender as relações sociais nas quais estão inseridos para assim transformá-las e conseqüentemente transformarem a si próprios.

Palavras-chave: Educação, Pedagogia, Capitalismo.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar como o currículo e a educação escolar, pautada na concepção de homem de acordo com a perspectiva do materialismo histórico-dialético, podem contribuir para a formação onilateral do homem, utilizando da organização pedagógica do currículo e considerando os saberes fundamentais ao homem, a fim de que o trabalho educativo possibilite uma ação que caminhe para uma formação que rompa com a unilateralidade que tem origem na divisão do trabalho

dentro do sistema capitalista, sem deixar de considerar o contexto atual em que a educação está inserida e as características que assume dentro do sistema capitalista.

É importante ressaltar que a análise se pautará na compreensão de que a finalidade do trabalho pedagógico, dentro do sistema capitalista, é o disciplinamento para a vida social e produtiva, de acordo com as especificidades do estágio de desenvolvimento do modo de produção. Pois, conforme afirma Kuenzer (2002) as mudanças no contexto educacional, na elaboração das leis, na formação de professores, no ensino, estão sempre relacionadas às necessidades do contexto produtivo e social de determinado momento histórico.

Educação, Currículo e Formação Onilateral

Partindo da discussão apresentada por Saviani (2005), propomos nesse primeiro momento conceituar a educação e analisar sua especificidade, apresentar o que é currículo e seus elementos constitutivos, para analisar o papel do pedagogo escolar, pautando-se nos elementos apresentados.

A educação, segundo Saviani (2005, p. 12), “é um fenômeno próprio dos seres humanos”, ou seja, é “ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho”. Para sobreviver, o homem necessita produzir sua existência transformando a natureza, e o faz através do trabalho. O trabalho é uma atividade intencional, que proporciona ao homem extrair seus meios de sobrevivência do ambiente natural, variando de acordo com as condições materiais em que se encontra. Portanto, esse processo de transformação da natureza gera a necessidade de que o homem possua conhecimentos acerca da realidade concreta em que se insere e dos meios produtivos que utiliza, sendo que estes vão se complexificando, e sendo transferidos para as gerações posteriores.

O trabalho que proporciona a existência do homem através da transformação da natureza é denominado por Saviani de “trabalho material”, e os conhecimentos, hábitos, conceitos que são produzidos pelo homem são denominados como “trabalho não-material” (2005, p. 12). A educação, segundo Saviani, situa-se nessa segunda categoria, sendo além de tudo um trabalho não-material, no sentido em que seu produto encontra-se na “super-estrutura”, e no qual “o produto não se separa do ato de produção” (2005, p.12), sendo que a ação de dar a aula não se separa do “consumo” dessa aula pelos alunos, ou seja, “a produção não-material coincide com a produção do saber”

(SAVIANI, 2005, p. 7). Sendo assim, a natureza humana é produzida pelo próprio homem através das suas relações sociais de produção, e o “trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2005, p. 13).

Entretanto, não se pode desconsiderar que as relações existentes no espaço da educação escolar, tanto entre os próprios alunos, quanto entre alunos, professores e demais envolvidos no processo, é marcada pelas relações de poder características do sistema capitalista, ou seja, acaba por reproduzir essas relações, inclusive no caráter ideológico que essas relações carregam.

Portanto, à educação cabe identificar os elementos culturais que necessitam ser assimilados, compreendendo-os no contexto histórico, político e social no qual se inserem; assim como organizar os meios (“conteúdos, espaço, tempo e procedimentos”) (SAVIANI, 2005, p. 14), a fim de que os indivíduos se tornem efetivamente humanos, constituindo uma segunda natureza.

O currículo deve ser “o conjunto das atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolares” (SAVIANI, 2005, p. 18), neste sentido o currículo escolar deve possuir aqueles conhecimentos identificados como necessários para a realização do trabalho educativo na perspectiva apresentada, sem que isso seja realizado aquilo que é considerado como secundário pode se tornar principal na escola, o que acaba por inverter o papel das atividades que são seu objetivo de existência. Como por exemplo: as datas comemorativas e as festas organizadas na escola que são denominadas como extra-curriculares, mas muitas vezes acabam substituindo as atividades fundamentais da escola.

Com a inversão das atividades que são acessórios em essenciais é possível constatar que nas escolas pouco tempo é

destinado ao processo de transmissão-assimilação de conhecimentos sistematizados. Isto quer dizer que se perdeu de vista a atividade nuclear da escola, isto é, a transmissão dos instrumentos de acesso ao saber elaborado (SAVIANI, 2005, p. 16).

Outra consequência da inversão dos valores essenciais e secundários que Saviani aponta é que a escola se torna um mercado de trabalho muito disputado entre nutricionistas, psicólogos, artistas, etc. Transforma-se a instituição com o objetivo de possibilitar o acesso da população ao saber sistematizado em instituição destinada a serviços clientelistas, outro fator a levar em consideração é o lugar que as “políticas

sociais de assistência” vêm adquirindo no espaço escolar, sendo que se utiliza da permanência da criança na escola como uma forma de “categorização” e “seleção” das crianças a serem atendidas pela assistência. Entretanto tal questão trás consigo aspectos bem mais profundos e que infelizmente não cabem ser discutidos no presente trabalho.

Contudo não se pode ignorar que o papel da escola e o seu objetivo primeiro é a transmissão-assimilação dos saberes construídos historicamente pelos homens, sendo que estes são construídos em momentos históricos determinados e com razões “políticas” e “sociais” que não podem ser desconsideradas, pois o saber, o conhecimento científico, em momento algum é “neutro”; partindo disso cabe ao pedagogo juntamente com o conjunto de professores “elaborar os métodos e as formas de organização do conjunto das atividades da escola, isto é, do currículo” (SAVIANI, 2005, p. 18).

Sendo assim, o pedagogo deve organizar o currículo, identificando as atividades escolares “essenciais” nesse processo, bem como os conteúdos essenciais e, tendo em vista o fim a atingir com isto, determinar os métodos e processos de ensino-aprendizagem, possibilitando aos alunos não somente assimilar os conhecimentos produzidos, mas compreendê-los dentro de um processo que se encontra em constante transformação.

Neste sentido o pedagogo deve considerar como ponto de partida para o trabalho que irá realizar na escola, através também do currículo, o reconhecimento e a compreensão das relações sociais de produção, que são determinantes das relações escolares.

A atuação do pedagogo deve proporcionar a transmissão dos saberes “clássicos”, ou seja, aqueles produzidos historicamente pela humanidade e situá-los de acordo com as condições em que foram produzidos, assim como suas possíveis transformações. Ao tornar esse saber assimilável aos alunos, pretende-se que estes “não apenas assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas apreendam o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação” (SAVIANI, 2005, p. 9), ou seja, possibilita aos alunos a compreensão do contexto histórico no qual estão inseridos, e como o mesmo se constitui no decorrer do desenvolvimento das forças produtivas, e uma possível atuação crítica frente a essa realidade.

Essa atuação descrita acima contribui para o desenvolvimento humano onilateral, sendo esta “uma exigência de reintegração de um princípio unitário do comportamento do homem” (MANACORDA, 1991, p. 74), reintegração necessária

devido à divisão do trabalho que se surge com o desenvolvimento das relações de troca, o aumento da população, das necessidades e da produtividade, que inicialmente baseava-se na divisão natural, das disposições naturais. Porém, essa divisão se consolida com a divisão do trabalho material e espiritual, como demonstra Marx (1998, p. 27):

Essa divisão do trabalho, que implica todas essas contradições, e repousa por sua vez na divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em famílias isoladas e opostas umas às outras – essa divisão do trabalho encerra ao mesmo tempo a repartição do trabalho e seus produtos, distribuição *desigual*, na verdade, tanto em quantidade quanto em qualidade. Encerra portanto a propriedade.

Sendo assim, Manacorda afirma que “o indivíduo não pode desenvolver-se onilateralmente se não há uma totalidade de forças produtivas” sendo que esta “não pode ser dominada a não ser pela totalidade dos indivíduos livremente associados” (1991, p. 79), ou seja, a unilateralidade (trabalhador manual *versus* trabalhador intelectual) do homem não será superada se não for supera a propriedade privada dos meios de produção e a divisão do trabalho como se apresenta atualmente. Relacionando às praticas pedagógicas e a exigência de que o homem forme-se um ser onilateral, Manacorda (1991, p. 74-75) afirma ainda que a essa exigência

não basta responder com a hipótese de uma teoria pedagógica e um sistema de educação que reintegrem de imediato essas várias esferas divididas entre si; mas que, de qualquer maneira, pressupõem uma práxis educativa que, ligando-se ao desenvolvimento real da sociedade, realize a não-separação dos homens em esferas alheias, estranhas umas às outras e contrastantes, ou seja, uma práxis educativa que se funde sobre um modo de ser que seja o mais possível associativo e coletivo no seu interior e, ao mesmo tempo, unido à sociedade real que o circunda.

Portanto, a pedagogia crítica pode possibilitar uma práxis educativa que proporcione aos homens compreender as relações sociais nas quais estão inseridos para assim transformá-las e conseqüentemente transformarem a si próprios, pois “o que eles são (os homens) coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem” (MARX, 1998, p.11). Assim, o homem é resultado das relações sociais de produção.

Como afirma Vasquez (1977, p. 328), “os homens são os sujeitos de toda atividade, tanto econômica e social como ideal”, ou seja, os homens são os sujeitos da história, pois ao produzirem sua existência material, produzem sua vida e se reproduzem. E o modo de produção através do qual o homem produz sua existência varia de acordo com as condições materiais em que se encontra. Sendo assim, “a maneira como os homens produzem seus meios de existência depende, antes de mais

nada, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir” (MARX, 1998, p. 11), através dos quais os homens criam sua vida material e suas idéias, ou seja, as expressões das suas relações materiais. Portanto, pode-se afirmar que o homem tem consciência, sendo ela “um produto social e o será enquanto existirem homens” (MARX, 1998, p. 25).

A perspectiva apresentada até aqui possui uma postura crítica que visa à superação da sociedade capitalista e da sua contradição essencial, a divisão da sociedade em classes sociais. Portanto, podemos considerar essa pedagogia como revolucionária. No entanto, essa não é a perspectiva adotada oficialmente pela educação brasileira em geral.

As condições atuais não permitem consolidar essa pedagogia crítica, devido a um conjunto de fatores que envolvem: o não reconhecimento do caráter político da educação pelos professores (o que resulta no descompromisso com essa educação e com o proletariado), as precárias condições de trabalho do professor, assim como o baixo salário e a falta de tempo, que impossibilitam uma atividade mais elaborada e refletida.

A educação “continua sendo concebida como um instrumento de liberdade e para a autonomia, como edificação da personalidade e de suas capacidades por meio da assimilação da cultura” (SACRISTÁN, 2000, p. 43), ou seja, a educação atual apresenta-se com um ideal liberal, no qual irá formar indivíduos livres e desenvolver suas aptidões, que são desiguais, sendo assim forma indivíduos unilaterais, que são determinados também pelas condições materiais aos quais estão inseridos.

Apresentando o discurso de igualdade entre os homens, a educação atual deixa de lado as diferenças sociais que são resultado de um determinado modo de produção, o capitalista; ao ignorar as bases materiais da constituição atual da sociedade, a educação apresenta-se hoje como forma de desenvolvimento das capacidades individuais e possível melhoria nas condições de vida dos homens, relegando a cada indivíduo o seu sucesso ou o seu fracasso.

Apesar do discurso de valorização da educação, o que se vivencia é um descaso da educação por parte do Estado, que cria políticas públicas não-estatais que colaboram para a inserção de empresas, corporativas e serviço voluntário dentro das escolas, relegando ao terceiro setor uma responsabilidade que seria estatal. Além do discurso valorativo que os empresários apresentam, financiando cada vez mais atividades educativas.

Sendo assim, as condições atuais em que a educação está inserida é precária, e caminha para a legitimação da divisão da sociedade em classes sociais, portanto se faz necessário que os professores e pedagogos assumam uma postura crítica frente a essa realidade a fim de colaborar, de acordo com as suas possibilidades reais, com a transformação dessa realidade.

Considerações Finais

Levando em consideração as relações sociais de produção em que estamos inseridos, que tem como essência a propriedade privada dos meios de produção e a divisão do trabalho, concordamos com Manacorda (1991, p. 85) quando afirma que somente com a reunificação das estruturas científicas e de produção é que será possível a reintegração da onilateralidade do homem.

Ou seja, para que a formação onilateral realmente seja efetiva é necessário que sejam aniquiladas a divisão do trabalho e a propriedade privada, pois enquanto essas existirem existirá a fragmentação na formação e na atuação do homem.

Porém, ao ter consciência dessa realidade não podemos desconsiderar o papel da educação, ainda que ínfimo e interdependente das demais estruturas e ações sociais, na possibilidade de formação de um indivíduo que compreenda o sistema ao qual está inserido a fim de transformá-lo.

Referências

- KUENZER, Acácia Zeneida. Trabalho Pedagógico: da fragmentação à unitariedade possível. IN: AGUIAR, M. A. da S.; FERREIRA, N. S. C. (orgs). **Para Onde Vão a Orientação e a Supervisão Educacional?** Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna**. Trad. Newton Ramos de Oliveira. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991. p. 67 – 86.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SACRISTÁN, José Gimeno. A educação que temos e a educação que queremos. IN: IMBERNÓN, Francisco (org.). **A Educação no Século XXI: os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artmed, 2000. p. 37 – 63.
- SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 9 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 4 – 22.
- VASQUEZ, Adolfo Sanches. **Filosofia da Práxis**. Trad. Luiz Fernando Cardoso. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 328 – 334.